

MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS E SUA INFLUÊNCIA NA TRADUÇÃO PARA AS LEGENDAS

Simone dos Santos Machado Nascimento*

RESUMO

Este artigo investiga a influência dos modelos cognitivos idealizados (MCIs) na escolha do tipo de linguagem utilizada na tradução de fraseologias e clichês de raiva (palavrões) em inglês para as legendas no português do Brasil. De acordo com Araújo (2004), o uso da linguagem formal é uma estratégia recorrente na tradução para legendas de filmes norte-americanos. Acredita-se que tal recurso seja motivado por questões intrínsecas à sociedade e cultura brasileiras e que, portanto, MCIs exercem um papel importante na sua motivação. Assim sendo, analisaram-se os MCIs subjacentes ao tipo de linguagem escolhida para esse tipo de tradução e investigou-se o impacto de traduções, com diferentes tipos de linguagem (formal e coloquial), em sujeitos habituados a assistir a filmes norte-americanos com legendas. Os dados revelaram que tanto legendas formais quanto legendas informais foram aceitas pelo público. Embora a análise não tenha sido conclusiva, atribui-se o resultado aos MCIs elaborados durante a pesquisa, segundo os quais a linguagem formal se identifica com a escrita e a informalidade e os palavrões com o público adolescente.

Palavras-chave: Tradução audiovisual; Legendas; Cultura; MCIs.

ABSTRACT

This article investigates the influence of idealized cognitive models (ICMs) in the language used in the translation of North American phraseologisms and clichés of fury (swearwords) for Brazilian subtitles. According to Araújo (2004), formal language is frequently used in the subtitling translation of American movies. We believe this strategy is motivated by particular aspects related to Brazilian culture and society and therefore ICMs might exert an important role in such motivation. For these reasons, we analysed the ICMs which underlie the language chosen for that type of translation and studied the impact of translations, with different styles of language (the formal language and the colloquial one), on people who usually watch American movies with subtitles. The data revealed that both formal and informal subtitles have been accepted by the public. Although the analysis has not been conclusive, we relate the result of this work to the ICMs elaborated during the research. According to those ICMs, formal language is connected to writing while informal language and clichés of fury are closely related to teenagers.

Keywords: Audiovisual translation; Subtitles; Culture; ICMs.

Introdução

Dentre as várias funções assumidas pela tradução audiovisual (TAV) nos meios de multimídia, oferecer a pessoas de diferentes países a oportunidade de assistir a filmes estrangeiros é uma de suas funções de destaque. Segundo Araújo (2004, p.161), dublagem e legendagem são as técnicas de TAV mais comumente utilizadas no Brasil. Enquanto a primeira é preferencialmente usada em programas abertos da televisão e filmes destinados ao público infantil, a segunda é mais usada em programas de TV a cabo, no cinema e DVDs. Por meio da legenda, o espectador ouve a voz do ator enquanto lê a tradução simultânea escrita na parte inferior da tela.

A tradução para a legendagem¹³ de um filme envolve a adaptação de um código oral em um código escrito e o tratamento dispensado às legendas frequentemente obedece à antiga dualidade existente entre fala e escrita. Segundo essa visão, a fala é geralmente informal, ao passo que a escrita deve ser cercada de cuidados com a gramática formal da língua. Dessa forma, os tradutores não têm alternativa senão recorrer à linguagem formal como sistema linguístico em suas traduções. O uso da linguagem formal fica entendido aqui como o uso de expressões baseadas em regras gramaticais da norma padrão culta da língua.

Segundo Araújo (2004, p.166), o resultado da tradução baseada em tais regras são expressões não naturais para os espectadores brasileiros. Isto porque os filmes tendem a mostrar situações do dia a dia, com pessoas comuns conversando de maneira informal. No entanto, a tradução de tais situações é geralmente feita sob os padrões da gramática formal, diferente da maneira corrente normalmente uti-

¹³ Neste artigo, o termo “legendagem” refere-se ao produto final da tradução, momento em que o filme está pronto para o mercado.

lizada pelos falantes, contribuindo para uma total ausência de naturalidade na tradução. Isto acontece, principalmente, tratando-se de clichês, expressões próprias a certo idioma e que aparecem comumente em filmes norte-americanos.

Ao contrário de Araújo (2004), acreditamos que o uso da linguagem formal e a suavização, ou corte, de palavras nas legendas brasileiras seja resultado das expectativas do público em relação às próprias legendas, ou seja, estas devem apresentar um texto elaborado seguindo a norma padrão culta da língua e sem expressões consideradas ofensivas pela sociedade, sob pena de parecerem estranhas ao espectador.

Desse modo, pareceu-nos razoável supor que a opção pela linguagem formal nas traduções seja motivada por questões intrínsecas à sociedade e cultura brasileiras e que, portanto, modelos cognitivos idealizados (MCIs) exerçam um papel importante na sua motivação. Os demais aspectos da linguagem utilizada nas legendas também podem ser motivados por um MCI para a língua escrita e, nesse sentido, ao contrário do que supôs Araújo (2004), não seriam recebidos como estranhos ou artificiais pelos espectadores brasileiros.

Considerando tais aspectos, esta pesquisa de caráter analítico-descritivo teve como objetivo investigar o papel dos MCIs na escolha do tipo de linguagem utilizada na tradução de fraseologismos e clichês de raiva para as legendas de dois filmes americanos: *10 coisas que eu odeio em você* e *Meninas malvadas*. Mais especificamente, procuramos analisar os MCIs subjacentes ao tipo de linguagem escolhida para a tradução nas legendas e investigar o impacto de traduções, com diferentes tipos de linguagem (formal e coloquial), em sujeitos habituados a assistir a filmes americanos com legendas.

Uma análise da TAV sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, como processo influenciado pelos MCIs da sociedade brasileira pode ser bastante enriquecedora para os estudos de tradução, uma vez que ela ajuda a esclarecer a motivação de certas estratégias de tradução, a refletir sobre a estreita relação entre cultura e tradução e a discutir questões relacionadas à ideologia e sociedade brasileiras.

1. A tradução para as legendas: uma questão cultural

A tradução audiovisual (TAV)¹⁴ tem sido frequentemente utilizada desde que a produção doméstica de filmes e programas televisivos passou a ser divulgada em países estrangeiros e disponibilizada para cegos e surdos. Além da dublagem, *voice over*, interpretação simultânea, audiodescrição¹⁵ e adaptação filmica, a legendagem é uma técnica de TAV correntemente utilizada.

Gottlieb (1998, p.247) distingue linguisticamente dois tipos de legenda: legenda intralingual e

¹⁴ De acordo com Cintas (2005, p.03), a tradução audiovisual tem sido sistematicamente estudada por acadêmicos e profissionais da área desde a década de 90. Desde então, diferentes nomenclaturas têm sido propostas: tradução para a tela (*screen translation*), tradução de multimídia (*multimedia translation*) e tradução multidimensional (*multidimensional translation*). Neste trabalho, no entanto, adotaremos o termo tradução audiovisual por ser o mais difundido neste campo da tradução.

¹⁵ Tradução oral de imagens para cegos.

legenda interlingual. Enquanto o primeiro tem como foco a língua materna, oferecendo legendas de programas domésticos, filmes para surdos e pessoas com dificuldade auditiva, o segundo tipo, foco de nosso interesse neste trabalho, mostra a tradução do texto falado em uma língua para o texto escrito em outra língua diferente. De acordo com o autor, as “*Subtitles (...) are transcriptions of a film or TV dialogues presented simultaneously on the screen*”¹⁶(GOTTLIEB, 1998, p.247).

A simultaneidade das legendas em relação à fala dos personagens gera alguns desafios para o tradutor o qual, além de suas preferências enquanto profissional, precisa obedecer a aspectos tais como: tempo, espaço, cultura do país receptor, público-alvo, contratante etc. Estes critérios influenciam diretamente o resultado da tradução, servindo de base para pesquisas na área.

No Brasil, estudos sistemáticos em TAV têm sido realizados por Araújo. A autora (2004, p.161) aborda a questão da falta de naturalidade na tradução de clichês¹⁷, responsabilizando, em parte, as companhias legendadoras brasileiras que, normalmente, não disponibilizam ao tradutor o *software* de legendagem. O tradutor faz o seu trabalho em um programa, similar ao oficial, com o mesmo tamanho e tipo de letra em um formato aproximado ao programa de legendagem. No entanto, a edição oficial da legenda é feita por outro profissional não tradutor e, na maioria dos casos, desconhecedor da língua estrangeira, autorizado a fazer mudanças em qualquer expressão que por acaso não se adeque às especificações do programa estabelecidas pelos contratantes da tradução.

Araújo (2004, p.166) relata que, ao investigar a tradução de clichês do inglês americano para o português do Brasil em cinco filmes dublados e legendados, verificou serem mais frequentemente utilizadas as seguintes estratégias:

*a) the creation of grammatically correct expressions, which do not sound nativelike in Portuguese; b) the translations of clichés into some expressions that are not clichés in Brazilian Portuguese; c) the minimisation of taboo words; d) the use of formal language in subtitling, which does not suit the oral aspect of a film dialogue*¹⁸ (ARAÚJO, 2004, p.166).

A recorrência aos itens “c” e “d” é imperativa porque, de acordo com a autora, “*subtitling is inhibited in the form of written language, which makes the professionals involved believe that it must follow the same rules of written language*”¹⁹(ARAÚJO, 2004, p.162). Entretanto, mesmo que os tradutores não pensassem dessa forma, seria “*hard to convince distributors and subtitling companies that the language*

¹⁶ “legendas [...] são transcrições de um filme ou diálogos de TV apresentados simultaneamente na tela”. Esta e todas as traduções sem referência são da autora.

¹⁷ Araújo (2004, p.162) menciona que os clichês “são expressões que perderam seu sentido original e passaram a representar uma função social na comunicação e interação pessoal”.

¹⁸ “a) a criação de expressões gramaticalmente corretas, as quais não soam naturais em português; b) a tradução de clichês em expressões que não são clichês no português do Brasil; c) a suavização de palavras consideradas palavras; d) o uso da linguagem formal na legendagem, o que não adequa o aspecto oral de um filme.”

¹⁹ “(...) a legenda é exibida em forma de linguagem escrita, o que faz os profissionais envolvidos acreditarem que ela deve seguir as mesmas regras da linguagem escrita”.

*used to translate a film is usually colloquial*²⁰.

É interessante observar que as exigências daqueles que subsidiam as traduções se identificam, até certo ponto, com as expectativas dos indivíduos que receberão o produto final traduzido. Isto é, os subsidiários exigem o uso de certos padrões procurando atender às exigências dos espectadores. A linguagem formal, por exemplo, é usada nas legendas porque os espectadores esperam que a tradução escrita apresentada seja exibida dessa forma, do contrário, elas poderiam causar estranheza ao público e, conseqüentemente, uma rejeição ao produto vendido, o filme.

Ora, se a linguagem formal é uma estratégia exigida pelos contratantes e esperada pelos espectadores na tradução das legendas, podemos dizer que ela é uma prática social, comum aos indivíduos da cultura brasileira. Sendo a legenda um texto escrito, acreditamos que o uso da linguagem formal esteja relacionado a uma crença, cultivada socialmente, para a língua escrita, ou seja, à crença de que o texto escrito deva sempre seguir à norma culta da língua.

A crença é um fenômeno aprendido socialmente, compartilhado pelos sujeitos de um grupo e acionada automaticamente pela mente do sujeito sempre que este se depara com o objeto central dessa crença. Em relação à linguagem formal, não é necessário que ninguém fique lembrando o falante dos valores sociais que ela representa, pois os conceitos, as crenças e os valores relacionados a esse tipo de linguagem emergem na mente do indivíduo sempre que ele se encontrar em qualquer situação em que a linguagem formal seja usada, ou se espere que ela seja utilizada.

Pelo exposto, acreditamos em uma possível relação da formalidade da língua e a escrita com os modelos cognitivos idealizados (MCIs) propostos pela Linguística Cognitiva.

2. Os modelos cognitivos idealizados e sua relação com a linguagem formal escrita na sociedade

De acordo com Feltes (2007, p.53), a teoria dos MCIs, desenvolvida por Lakoff (1987), são sinônimos de modelos culturais. A autora apresenta uma definição para os modelos em tela baseada nos estudos de McCauley (1987 apud FELTES, 2007, p.54), segundo o qual MCIs são estruturas mentais simples, responsáveis pela organização dos conceitos construídos a partir das experiências que temos, enquanto seres humanos, com o mundo ao nosso redor. Essas estruturas são simplificadas porque, dentre a grande variedade de aspectos envolvidos nessa relação mundo-ser humano, elas selecionam apenas aqueles significativos social ou culturalmente.

Em outras palavras, os MCIs são resultados da capacidade de categorização humana, com o objetivo de facilitar o armazenamento de informações cognitivas em nossas mentes. Os MCIs categorizam, ou seja, selecionam os traços mais marcantes para a construção de conceitos, sobretudo aqueles construídos socialmente.

Para Fauconnier (apud LAKOFF, 1987, p.125), os MCIs são cognitivos porque “[t]hey are char-

²⁰ “(...) difícil convencer distribuidores e companhias legendadoras de que a linguagem usada para a tradução de um filme é a coloquial”.

acterized relative to experiential aspects of human psychology”²¹ e “[t]hey do not necessarily fit the external world ‘correctly’”.²² Isto significa, como coloca Lakoff (1987, p.126), que os MCIs são idealizados porque proporcionam um modo convencionalizado de compreender nossas experiências de uma forma mais simples, por esta razão, não contêm informações completas nem são precisos, mas, ao contrário, contêm apenas as informações significativas e recorrentes a respeito do que foi categorizado.

Devido à sua extrema simplificação, é difícil identificá-los com clareza na sociedade. De acordo com Feltes (2007, p.56), é preciso um estudo cuidadoso para abstrair tais modelos. Em outras palavras, os MCIs existem na mente dos falantes, influenciam sua forma de pensar e comportar-se em grupo, no entanto, não são conscientemente percebidos por esses mesmos falantes. Esses modelos são abstratos e, portanto, precisam ser identificados e construídos por meio de estratégias específicas como, por exemplo, uma pesquisa feita com os indivíduos influenciados por esses mesmos modelos cognitivos.

Segundo Feltes (2007), o aspecto idealizado dos MCIs se justifica sob dois aspectos: primeiro, porque eles são resultado da interação entre o nosso sistema cognitivo e o mundo cultural que nos cerca. Dessa forma, os aspectos contidos em um determinado MCI são determinados pelas crenças, valores, propósitos e necessidades do grupo em que ele se desenvolve. O modelo cognitivo para fala e escrita na sociedade brasileira, por exemplo, é resultado dos interesses e dos valores ditados por aqueles que têm o poder de ditar a norma. Em segundo lugar, os MCIs podem não ser iguais ou até contradizerem-se, ainda que façam referência a uma mesma situação.

Como os MCIs são decorrentes de uma interação entre a categorização humana e os aspectos culturais de uma determinada sociedade, eles são aprendidos e estabelecidos na mente humana a partir de conhecimentos partilhados, frutos de esquematizações coletivas, não de estruturas individuais e internas. Conforme Feltes (2007, p.54), detalhes particulares, relativos ao que é percebido como aspectos importantes de normas ou formas culturais, são agregados durante a construção dos esquemas cognitivos de cada indivíduo. Isso quer dizer que esses esquemas não são internalizados de forma fixa, mas construídos e reconstruídos dependendo das situações ou circunstâncias nas quais os indivíduos se apresentem.

Ainda que possam variar de pessoa para pessoa, os modelos cognitivos idealizados são construídos socialmente e, por isso, apresentam certa generalidade que se estende a toda a sociedade por meio da cultura vigente. Os MCIs podem não corresponder à realidade, contudo representam as crenças, os valores e as normas convencionais. Eles podem variar entre os diferentes grupos sociais ou modificarem-se de acordo com as situações. Considerando todos estes aspectos, não seria incoerente pensar que o nosso comportamento quanto à linguagem pode ser influenciado pelos MCIs.

É possível que os MCIs para fala e escrita, que apresentamos a seguir, sejam organizados cognitivamente em formato de *Cluster Model*, pois, além dos aspectos e valores intrínsecos a cada um (como, a fala ser improvisada e suscetível a erros, ao passo que, a escrita é planejada e correta segundo os padrões da norma culta padrão), outros modelos se unem aos primeiros: os modelos de linguagem

²¹ “são caracterizados em relação a aspectos experienciais da psicologia humana”.

²² “idealizados porque não necessariamente representam o mundo ‘corretamente’”.

informal e linguagem formal, normalmente, ligam-se aos modelos de fala e escrita, respectivamente.

3. Experimento I: a construção de um MCI para fala e escrita

Em uma investigação em textos científicos relacionados à linguagem, foi possível identificar crenças e valores atribuídos à fala e à escrita, à formalidade e à informalidade da língua enquanto elementos dicotômicos. Muitas dessas crenças e valores, por vezes, coincidiam em textos de diferentes autores, contudo, não era possível afirmar que tais características ou funções atribuídas à fala/escrita ou à linguagem formal/informal pudessem, de fato, constituir o que tratamos anteriormente por MCIs. Isto se deve ao fato de nenhum dos autores em questão ter apresentado dados que pudessem estender tais crenças a um modelo construído socialmente. Por esta razão, era possível que as características conferidas à linguagem escrita ou falada, por exemplo, fossem fruto de uma observação individual ou restrita a um pequeno grupo, os linguistas.

Destarte, fez-se necessário construir um modelo para analisar o grau de consciência dos usuários da língua a respeito das diferenças entre fala e escrita. Com este objetivo, realizou-se um levantamento das características relacionadas à fala e escrita (Quadro 1) e à linguagem formal e informal (Quadro 2), apontadas nos textos científicos de autores da área, como Neves (2001, 2004), Aléong (2001), Bagno (2001), Haugen (2001), Marcuschi (2001) e Padley (2001).

Quadro 1 - Aspectos inerentes à fala e à escrita descritos na literatura

FALA	ESCRITA
<ul style="list-style-type: none"> • Língua informal (HAUGEN, 2001, p.101) • Língua que abriga todas as tolerâncias e “transgressões” (NEVES, 2004, p.44) • Língua pouco guarnecida de regras ou não-normatizada (MARCUSCHI, 2001, p.27) • Língua sujeita a mudanças e corrupções • Língua mais expressiva (PADLEY, 2001, p.77) • Não-planejada, natural, espontânea, não-monitorada (MARCUSCHI, 2001, p.27) • Língua heterogênea, com marcas de grupos sociais • Apreendida em casa por meio da repetição, antes de ler ou escrever (HAUGEN, 2001, p.108) • Dominada pela grande maioria dos usuários da língua • Contextualizada (MARCUSCHI, 2001, p.27) • Implícita (MARCUSCHI, 2001, p.27) • Redundante (MARCUSCHI, 2001, p.27) • Fragmentária (MARCUSCHI, 2001, p.27) 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação com a norma culta, linguagem formal (BAGNO, 2001, p.09) • A língua certa, pura, refinada (BAGNO, 2001, p.9, PADLEY, 2001, p.58) • A língua baseada nas normas gramaticais (PADLEY, 2001, p.57) • É permanente, preserva o uso de ser corrompido (HAUGEN, 2001, p.108, PADLEY, 2001, p.58) • Língua menos expressiva (PADLEY, 2001, p.77) • Exige o uso refletido, monitorado, planejado da língua (ALÉONG, 2001, p.153) • Língua homogênea, neutra (ALÉONG, 2001, p.166; NEVES, 2001, p.322) • É aprendida na escola (ALÉONG, 2001, p.167; NEVES, 2004, p.44) • Utilizada por um menor número de indivíduos (NEVES, 2004, p.43; ALÉONG, 2001, p.168) • Descontextualizada (MARCUSCHI, 2001, p.27) • Explícita (MARCUSCHI, 2001, p.27) • Condensada (MARCUSCHI, 2001, p.27) • Completa (MARCUSCHI, 2001, p.27)

Em relação ao grau de formalismo da língua, podemos destacar os seguintes aspectos conforme o Quadro (2) a seguir:

Quadro 2 - Aspectos inerentes à linguagem informal/formal descritos na literatura²³

LINGUA INFORMAL	LINGUA FORMAL
<ul style="list-style-type: none"> • Identificação com a fala • Mais difundida e frequente entre os usuários da língua • Língua heterogênea, com marcas de grupos sociais • Língua pouco guarnecida de regras • Língua pobre • Língua da classe baixa ou rural (HAUGEN, 2001, p.101), língua da massa, do povo. • Não tem qualquer relação com o prestígio social • Língua “vulgar” • Usos oficiais, na imprensa escrita e audiovisual, no sistema de ensino e na administração pública (BAGNO, 2001, p.10) • Não-planejada, natural, espontânea, não-monitorada (MARCUSCHI, 2001, p.27) 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação com a escrita (NEVES, p.2004) • Utilizada por um menor número de indivíduos (NEVES, 2004, p.43; ALÉONG, 2001, p.168) • Língua homogênea, neutra (ALÉONG, 2001, p.166; NEVES, 2001, p.322) • A língua baseada nas normas gramaticais (PADLEY, 2001, p.57) • Língua ideal (BRITTO, 1997, p.56 apud BAGNO, 2001, p.09) • A fala dos socialmente dos segmentos socialmente favorecidos (BRITTO, 1997, p.56 apud BAGNO, 2001, p.10, ALÉONG, 2001, p.145) • Língua que oferece prestígio social (HAUGEN, 2001, p.112) • Língua-padrão (HAUGEN, 2001, p.107) • Usos cotidianos, na família, entre amigos • Exige o uso refletido, monitorado, planejado da língua (ALÉONG, 2001, p.153)

No que diz respeito às dicotomias identificadas, é interessante observar que grande parte das crenças relacionadas à escrita é também relacionada à linguagem formal. Consequentemente, as crenças e as funções inerentes à fala são também inerentes à linguagem informal.

Com base nos quadros apresentados, os quais indicavam ser o pensamento da maioria das pessoas em relação à língua, elaboramos um questionário com o propósito de averiguar quais crenças, valores e/ou funções inerentes à fala/escrita e à linguagem formal/informal seriam confirmadas e quais não seriam.

3.1 Uma proposta de MCIS para escrita, linguagem formal e palavrões

Com base nos dados revelados no experimento I, foi possível elaborarmos três modelos cognitivos idealizados: um para língua escrita, outro para linguagem formal e um terceiro para os palavrões. É importante lembrar que os MCIs apresentados a seguir podem não corresponder à realidade, contudo, representam as crenças e os valores dos participantes enquanto falantes nativos do português e enquanto integrantes de um meio cultural particular.

O primeiro MCI elaborado a partir dos resultados revelados pelos questionários foi o modelo para

²³ Embora esses aspectos tenham sido identificados nos trabalhos dos autores mencionados, não significa dizer que eles defendam tais conceitos. Na maioria dos casos, tais propriedades são citadas como forma de ilustrar o pensamento comum na sociedade.

a escrita. Este MCI mostra que a escrita recebe certo grau de prestígio em relação à fala porque é aprendida em um lugar especial, a escola, lugar reservado àqueles que têm a chance de frequentá-la, pois não está ao alcance dos que a querem, porém dos que conseguem ter acesso a ela. Da mesma forma, a escrita exige o domínio de um tipo de linguagem que não é acessível a todos os indivíduos da sociedade, apenas àqueles que conseguem frequentar a escola.

De acordo com esse modelo, a língua escrita é superior à fala porque é capaz de conservar a pureza da língua apesar do tempo. A pureza está relacionada à norma padrão culta utilizada pela escrita e que permanece intocável e imutável por meio de materiais impressos. A escrita não carrega a marca pessoal do falante, antes, por meio de regras generalizadas, faz com que ele fique incógnito entre tantos outros que dela se utilizam.

Aquele ou aquela que domina a escrita com propriedade tem mais acesso à informação, ao conhecimento, a outras culturas e, portanto, recebe mais chances de ascender socialmente se comparado (a) àqueles que a ignoram. Em síntese, o MCI para escrita (Quadro 3) fica representado da seguinte maneira:

Quadro 3 - MCI para língua escrita

A LÍNGUA ESCRITA É:
• a língua aprendida na escola, fora do seio familiar, com o auxílio de livros e professores
• a língua que obedece às normas gramaticais ditadas pelas gramáticas e dicionários
• a linguagem mais organizada em termos de texto e pensamento
• estável em relação ao tempo, ou seja, mantém o padrão “ideal” da língua, a salvo das constantes mudanças da fala
• o tipo de linguagem neutra, sem marcas pessoais, particulares a um certo indivíduo, ou grupo social
• explícita e, portanto, independente do contexto
• a língua que oferece certo grau de prestígio social, pois seu desconhecimento pode desvalorizar o indivíduo

No MCI construído para linguagem formal (Quadro 3), foi possível identificar vários valores atribuídos também à escrita. Isto mostra que, para o falante, a escrita e a linguagem formal estão estreitamente relacionadas às suas funções e aos seus valores.

O MCI apresentado para linguagem formal revela a crença na superioridade deste tipo de linguagem em relação a outros tipos, principalmente, à linguagem informal. Esta é tida como a expressão da linguagem suscetível a “erros” e “desvios” e isto faz com que ela fique em uma posição inferior quando comparada à linguagem “correta”, considerada “ideal” para a comunicação. Assim como a escrita, a linguagem formal é aprendida na escola, com o auxílio de livros e professores.

No Brasil, o domínio da linguagem formal oferece oportunidades a empregos melhores, a estudos em graus mais avançados e acesso a diversos grupos sociais aos quais um falante considerado anódino dificilmente teria acesso. Resumindo o que foi discutido, o MCI para linguagem formal fica representado no Quadro 4, a seguir:

Quadro 4 - MCI para linguagem formal

A LÍNGUAGEM FORMAL É:
• a língua perfeita, “ideal”, correta, livre de erros
• uma linguagem melhor, se comparada aos demais tipos
• regida pelas normas gramaticais
• associada à língua escrita
• o tipo de linguagem apropriada para ocasiões oficiais e importantes
• a língua usada pelos grandes escritores
• a língua utilizada por pessoas cultas
• aprendida na escola com o auxílio de livros e professores
• utilizada e acessível a um menor número de pessoas
• a língua que confere prestígio social aos seus usuários

Os informantes associaram a linguagem formal à escrita, retomando a ideia de perfeição. No entanto, essa correspondência entre escrita e linguagem formal não ocorre com tanta exclusividade. Como exemplo, podemos citar o caso dos bilhetes e das conversas via *messenger* (MSN), dentre outros, que se manifestam na forma da língua escrita, porém com grande tendência ao uso informal da língua.

Após a discussão a respeito dos MCIs identificados para escrita e linguagem formal, tem-se a seguir o último modelo proposto: o MCI para clichês de raiva (palavrões) (Quadro 5). Enquanto o uso e domínio da escrita e da linguagem formal estão relacionados a valores como polidez, perfeição e valorização social, o uso de palavrões fica mais restrito às imperfeições da linguagem e, portanto, à fala e à informalidade.

Quadro 5 - MCI para clichês de raiva (palavrão)

O PALAVRÃO É:
• termo ou expressão tabu na sociedade
• usado para insultar ou defender outras pessoas
• usado para expressar extrema raiva ou alegria
• inaceitável em ocasiões, locais e meios públicos
• associado à intimidade do indivíduo em relação a si mesmo e aos outros
• inaceitável em situações oficiais e importantes
• inaceitável se utilizado por crianças ou pessoas mais velhas, independentemente de sua posição social
• aceitável se utilizado por adolescentes

O uso de palavrões, motivado por qualquer que seja a razão – muita raiva ou muita alegria –, é considerado tabu social, ou seja, publicamente, seu uso é considerado inapropriado, ou mesmo, inaceitável. Pessoas que ocupam posições de destaque em qualquer instituição ou grupo social não devem fazer uso de tais expressões sob pena de ofender até mesmo pessoas às quais o termo não foi dirigido.

O uso de palavrões está mais relacionado ao grau de intimidade e privacidade em que o indivíduo se encontra. Por exemplo, um palavrão pode ser aceito se proferido por um amigo, porém rejeitado se for usado por outra pessoa; ele pode ser usado sem causar constrangimento ao ouvinte em ambientes mais íntimos ou em um grupo reduzido de amigos ou conhecidos, por outro lado, pode ofender ou constranger outrem, caso seja usado em lugares públicos ou entre pessoas estranhas.

Normalmente, o uso de palavrões é rejeitado e inaceitável no discurso de qualquer pessoa, no entanto, seu uso é aceitável quando se tratar de adolescentes. É possível que a sociedade, de um modo geral, esteja acostumada às “infrações” cometidas pelos adolescentes em virtude de sua dificuldade em aceitar as convenções sociais, então, torna-se comum e, conseqüentemente, aceitável o uso destes termos nesta faixa etária.

4. Experimento II: legenda formal ou informal – a preferência do público

Após a elaboração dos MCIs de língua oral/escrita, passou-se à análise das legendas dos filmes *10 coisas que eu odeio em você* e *Meninas malvadas*. A elaboração do MCIs de escrita foi importante para relacionarmos o uso da linguagem formal à escrita e, conseqüentemente, às legendas. A análise das legendas, por sua vez, foi importante para verificar se os MCIs identificados a priori exerceram qualquer influência no tipo de linguagem utilizada na tradução legendada dos filmes escolhidos.

Com a conclusão desses dois procedimentos iniciais, foi realizado outro experimento para verificar que tipo de linguagem (formal ou informal) os espectadores brasileiros mais apreciam nas legendas de filmes norte-americanos.

Nessa última parte da pesquisa, utilizou-se um trecho do filme *10 coisas que eu odeio em você* de duas formas: um com as legendas originais e outro com as legendas elaboradas pela pesquisadora. Além do trecho, foi aplicado um questionário a 111 sujeitos para verificar a intuição da audiência quanto às duas legendas: as novas e as originais.

Quanto à sensação de conforto ou desconforto causada pelos aspectos linguísticos do filme e das legendas, os questionários mostraram que 86% dos informantes se consideraram de meio confortável a muito confortável no que diz respeito à linguagem utilizada pelos personagens do trecho exibido com as legendas originais. Em relação às novas legendas, a porcentagem foi um pouco menor, mas não significativa, 73% dos sujeitos se sentiram entre meio e muito confortável ao analisar a linguagem utilizada

pelos personagens.

No tocante à tradução dada para os diálogos nas legendas, 76% dos participantes revelaram sentir-se entre meio confortável a muito confortável. O resultado foi o mesmo para os dois grupos, fato curioso que contrariou a hipótese de que as legendas informais poderiam causar desconforto aos participantes por contrariarem o MCI para escrita.

O uso de palavras pelos personagens sofreu uma variação menor, se comparado aos outros itens. Nesse caso, 58% das pessoas que assistiram às legendas originais sentiram-se entre meio confortável a muito confortável contra 36%, no mesmo grupo, que se sentiram de muito desconfortável a meio desconfortável. Do grupo que assistiu às novas legendas, 54% admitiram sentir-se confortável em relação aos palavras utilizados pelos personagens.

Em relação ao uso de palavras nas legendas originais, 74% dos informantes revelaram sentir-se entre meio confortável a muito confortável, enquanto 55% dos que assistiram às novas legendas disseram ter se sentido confortável quanto à tradução dos palavras para as legendas.

Essa diferença entre o grupo das legendas originais e das novas legendas pode ser indício de que o palavra escrito pode incomodar mais que o falado, visto terem sido pronunciados pelos personagens, em inglês. Mesmo os participantes que conheciam inglês, e que assistiram às legendas originais sem palavras (ou com suavização), não se incomodaram em ouvi-los, no entanto, os sujeitos das novas legendas se sentiram mais incomodados que os primeiros.

O conforto dos participantes em relação às legendas originais pode ser atribuído às seguintes possibilidades: primeiro, os palavras não estarem escritos e não terem sido ouvidos pelo espectador; segundo, terem sido ouvidos pelo sujeito, mas não estarem escritos nas legendas; terceiro, terem sido ouvidos, não lidos nas legendas e serem percebidos como naturais pelo espectador. Por envolverem aspectos inerentes à fala e à escrita, fica clara a influência dos MCIs mencionados anteriormente na relação do público com os palavras.

Em relação ao uso de palavras, podemos fazer as seguintes considerações: primeiro, os participantes desta pesquisa, embora, não fossem estudantes de inglês, tinham um vago conhecimento da língua, o que lhes permitiu uma compreensão dos palavras em inglês proferidos no trecho (*bitch* e *asshole*, bastante comuns em filmes). Isto gerou uma variação bastante equilibrada entre os números da escala. Uma vez que os palavras das legendas originais foram suavizados ou suprimidos, isto gerou um conforto maior por parte dos espectadores.

O item do questionário que procurou investigar a naturalidade das legendas em relação à oralidade mostrou que 6%, dos que assistiram às legendas originais, consideraram as legendas originais muito estranhas, 4% que elas eram estranhas, 12% consideraram que as legendas eram um pouco estranhas, 17% acharam que elas não eram estranhas nem naturais, 27% dos informantes avaliaram as legendas originais como sendo um pouco naturais, 23% como naturais, e 23% consideraram as legendas como muito naturais em relação à forma como falamos correntemente.

Contrariando a hipótese levantada no início de nossa pesquisa, os dados mostraram que o grupo das novas legendas apresentou uma grande tendência para a aceitação das legendas reelaboradas (75%) como sendo naturais. No entanto, o levantamento estatístico, levando em consideração o sexo dos participantes revelou uma diferença estatística relevante no grupo masculino: os homens das legendas originais variaram muito em suas respostas, enquanto os homens do grupo das novas legendas revelou uma tendência a achá-las naturais, com significância estatística ($F=3,744$; $p=0,05$). Apesar desses indícios, parte de nossa hipótese foi comprovada ao constarmos que 73% do público consideraram as legendas, feitas sob os padrões da linguagem formal, naturais.

Além dos aspectos abordados até o momento, também verificamos a opinião dos participantes em relação ao uso de palavrões em português. Perguntamos se o número de palavrões seria maior ou menor caso o mesmo trecho fosse exibido com áudio em português. O resultado mostrou que 80% dos informantes (que assistiram às legendas originais) acreditavam que, se o trecho exibido fosse em português, haveria mais palavrões do que o original em inglês. No grupo que assistiu às novas legendas, o gráfico atinge os maiores picos nas escalas 3 e 5, portanto uma variação equilibrada entre um pouco menos e um pouco mais de palavrões caso o trecho fosse em português. Essa diferença entre os grupo foi representativa, com uma estatística de frequência F igual a 5,864 e p igual a 0,01.

O levantamento por sexo mostrou uma diferença estatisticamente relevante no grupo das mulheres: $F = 3,953$ e $p = 0,05$. As que assistiram às novas legendas apresentaram uma variação muito grande nas respostas, enquanto aquelas que assistiram às originais mostraram uma inclinação para “mais palavrões” se o mesmo trecho fosse exibido em português. Para os homens, os dados apontaram uma inclinação para “mais palavrões”, mas sem diferença estatisticamente relevante, portanto sem possibilidade de qualquer conclusão.

Esses resultados podem ser indícios de que as pessoas, ao assistirem a um filme, baseiam-se muito mais nas legendas do que no áudio do filme. Pensamos nessa possibilidade por dois motivos: primeiro, devido à declaração feita por um dos informantes o qual acredita que, nos Estados Unidos, não há liberdade de expressão e que, por isto, os personagens do filme não falavam palavrões; segundo, em nossa pergunta, não fizemos qualquer referência às legendas ou ao áudio especificamente, no entanto, pareceu-nos que grande parte dos participantes considerou a quantidade de palavrões, baseando-se apenas nas legendas. Se não fosse assim, os participantes com conhecimento prévio na língua inglesa perceberiam que o áudio apresentou palavrões que, provavelmente, apareceriam nas mesmas circunstâncias para o trecho em português.

Com base na análise feita, podemos afirmar que, de um modo geral, não obtivemos resultados estatisticamente significativos, ou seja, nenhum dado foi conclusivo. Em decorrência disto, não foi possível dizer se o uso da linguagem informal e de palavrões nas legendas, de fato, são naturais na mesma medida em que as legendas formais. Mesmo assim, podemos mencionar três crenças dos espectadores em relação às legendas originais do trecho exibido: primeiro, o uso da linguagem formal nas legendas não causa estranheza aos espectadores; segundo, a linguagem utilizada nas legendas (a linguagem formal) é natural para os espectadores brasileiros, ou seja, no que diz respeito às expectativas dos informantes, a linguagem formal consegue representar, de forma satisfatória a oralidade dos diálogos, pelo menos no tocante aos filmes; e por último, o uso de palavrões é mais comum em filmes brasileiros do que em filmes

em inglês.

Considerações finais

Neste trabalho, procurou-se verificar se as legendas interlinguais de filmes norte-americanos feitas sob os padrões da norma culta do português do Brasil eram naturais ao espectador brasileiro. Esses padrões, fruto das estratégias utilizadas na tradução dos diálogos dos filmes, baseiam-se nas regras da gramática normativa e de censura para expressões consideradas ofensivas pela sociedade.

Nesta pesquisa, trabalhou-se com a hipótese de que os espectadores preferem esse tipo de legendas em razão das crenças relacionadas à língua escrita e à língua falada cultivadas socialmente. Destarte, fundamentamo-nos nos MCIs, teoria da Linguística Cognitiva desenvolvida por Lakoff (1987). Em outras palavras, acreditamos que os brasileiros prefeririam assistir a legendas feitas sob os padrões da norma culta devido aos MCIs para fala/escrita e linguagem informal/formal valorizados culturalmente.

Pelos dados revelados na pesquisa, consideramos alcançados os objetivos propostos para a pesquisa, entretanto, reconhecemos a limitação dos resultados apontados e a possibilidade de um maior aprofundamento em um novo estudo guiado por diferentes perspectivas. Futuras pesquisas podem ser realizadas no sentido de verificar a recepção do público em relação às legendas de diferentes gêneros filmicos. Também seria interessante verificar a existência de algum outro MCI envolvido na relação público-legendas, como, por exemplo, um MCI específico para legendas.

Além dos pontos sugeridos, seria válida para os estudos de tradução uma análise da possível relação dos MCIs com outras técnicas de TAV, a saber, a legendagem para surdos, a dublagem e o *voice-over*.

Referências

ALÉONG, S. Normas linguísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, M. (Org.). **Norma linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p.145-174.

ARAÚJO, V. L. S. To be or not to be natural: clichés of emotion in screen translation. In: Gambier, Yves. **Meta** – Audiovisual translation. Montreal, v.49, n.1, p.161-171, abr. 2004.

BAGNO, M. Norma linguística e outras normas. In: BAGNO, M. (Org.). **Norma linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p.09-21.

CINTAS, J. D. Audiovisual Translation Today – A Question of accessibility for all. **Translating today**

magazine. London, Issue 4, p.03-05, jul. 2005.

FELTES, H. P. de Moraes. **Semântica cognitiva**: fundamentos teóricos, interfaces e procedimentos exploratórios gerais em pesquisa qualitativa, 2007. No prelo.

GOTTLIEB, H. Subtitling. In: BAKER, M. **Routledge encyclopedia of translation studies**. Londres: Routledge, 1998. p. 244-248.

HAUGEN, E. Dialeto, língua e nação. In: BAGNO, M. (Org.). **Norma linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p.97-114.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: What Categories Reveal about the Mind. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987. p.68-76.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

NEVES, M. H. de Moura. Língua falada, língua escrita e ensino: reflexões em torno do tema. In: URBANO, H. *et alii* (Orgs.). **Dino Preti e seus temas**: oralidade, leitura, mídia, ensino. São Paulo, 2001b. p.321-332.

_____. **Que gramática estudar na escola?** – Norma e uso na língua portuguesa. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PADLEY, G. A. A norma na tradição dos gramáticos. In: BAGNO, M. (Org.). **Norma linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p.55-96.

